

DE VINHOS, SABORES, *Lembranças*



Mauro Celso Zanús

A associação de sabores e aromas com as emoções e memórias do passado é algo bastante frequente em nossas vidas.

A percepção sensorial da qualidade dos vinhos não escapa dessa influência. Por isso, alguns vinhos considerados extraordinários para alguns podem ser apenas bons para outros — e qualquer tentativa de discussão sobre quem está certo ou errado é inútil.

A preferência e a aversão a certos sabores e aromas são influenciadas pela qualidade dos momentos que circundam a experiência dos nossos sentidos.

Muitas vezes ouvimos relatos do tipo: “Aquele sim era um excelente vinho, jamais encontrei outro com tal qualidade”. Há grande chance de que os momentos vivenciados é que tenham sido singulares, especiais e prazerosos — e, lógico, o vinho também não devia estar nem um pouco mau na sua cor, aroma e sabor.

Se para as degustações técnicas e profissionais, qualquer influência externa é prejudicial ao bom juízo, devendo ser subtraída, no dia-a-dia podemos tirar proveito desse fato a nosso favor.

Assim, por exemplo, podemos melhorar a percepção da qualidade de um vinho através da melhoria do ambiente que nos rodeia.

Alguns itens que podem ser explorados são: uma mesa bem posta, copos de qualidade, um local bem iluminado, arejado e agradável, uma boa música e uma conversa prazerosa.

Na literatura, foi o escritor Marcel Proust quem, de uma maneira genial, abordou o tema da influência das memórias na percepção do sabor.

A seguir, leia um trecho de sua obra “Em Busca do Tempo Perdido” (Vol. I - “No Caminho de Swann”, 1913. Ed. Globo, tradução de Mário Quintana):

“...um dia de inverno... vendo minha mãe que eu tinha frio, ofereceu-me chá, coisa que era contra os meus hábitos... Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madalenas... Em breve, maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas, no mesmo instante em que aquele gole,

de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim... De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray...minha tia Leônia me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá da Índia ou de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto.

E, adiante, segue: “Mas quando de um passado remoto nada mais existir, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, —sozinhos, mais frágeis, porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis—, o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação”.

MAURO CELSO ZANÚS é pesquisador da Embrapa Uva e Vinho
zanus@cnpuv.embrapa.br